

MONDADA, L. Des topics aux objets de discours. In: _____. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: Approche linguistique de la construction des objets de discours*. Lausanne: Université de Lausanne, 1994, p.27-66.

EDUARDO PENHAVEL*
(UNICAMP)

Lorenza Mondada vem se consolidando, nos últimos anos, como uma das principais referências em diversas áreas da Linguística e de outras ciências correlatas. É atualmente professora do departamento de Ciências da Linguagem da Universidade de Lyon-2 e do Laboratório ICAR, do Centro Nacional de Pesquisa Científica (França). Suas pesquisas focalizam fenômenos interacionais, cognitivos, conversacionais e etnometodológicos, bem como objetos correlacionados às Ciências Humanas e Sociais. Dentre seus trabalhos, destacam-se, além do livro acima referido, artigos como *Gestão do tópico e organização da conversação*, *Por uma linguística interacional* e *Construção de objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*, este escrito em co-autoria com D. Dubois. Tais trabalhos têm exercido forte influência em estudos realizados no Brasil sobre o fenômeno da referenciação, recentemente desenvolvidos no âmbito de uma abordagem sociocognitivista no entendimento da relação entre linguagem e mundo.

O trabalho aqui comentado é o primeiro capítulo, intitulado *Dos tópicos aos objetos-de-discurso*, do livro *Verbalização do espaço e fabricação do saber: abordagem linguística da construção de objetos-de-discurso*. Nesse capítulo, a autora discute uma série de trabalhos que abordam questões relevantes para a compreensão da noção de tópico discursivo, traçando um percurso de idéias e definições que acompanharam o desenvolvimento da noção e sua formulação em termos de objeto-de-discurso. A autora contextualiza os trabalhos nesse percurso, agrupando-os em abordagens e problematizando-as, o que, além de elucidar a perspectiva de autores importantes que lidam com o assunto, permite visualizar os diferentes aspectos implicados na noção de tópico discursivo.

Mondada justifica que a motivação geral para essa discussão é que a noção de tópico não dispõe de uma definição estável, situação traduzida por uma multiplicação de abordagens independentes e pela ausência de um paradigma que as unifique. A autora salienta, desde o início, o princípio que norteia toda a sua discussão: a questão do tópico impõe a necessidade de passar a um nível discursivo de apreensão dos fatos da língua. E essa passagem não é vista apenas como um deslocamento de nível de análise, mas como implicando uma redefinição da noção, a qual deixa de integrar uma concepção de discurso como fenômeno de veiculação e

* O autor é doutorando em Linguística do programa de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP/IEL, sob a orientação da Profa Dra Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Como pesquisador, o autor participa ainda do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), sediado na UNESP de São José do Rio Preto, que é coordenado pela Profa Dra Erolilde Goreti Pezatti.

regulação de informação e se insere numa concepção que permite visualizar como o discurso configura, enriquece e transforma os objetos que constrói.

A discussão de Mondada é dividida em cinco partes. Na primeira, ela observa que a noção de tópico, particularmente os problemas tratados sob o rótulo de tema/rema, remete aos debates antigos sobre a relação entre a ordem das palavras e o pensamento. Aí se inserem, na Antiguidade, Dionísio de Halicarnasso, Cícero e Quintiliano e, mais tarde, no século XVIII, a controvérsia entre Batteux e Beauzée, como extensão da leitura da *Grammaire Générale* de Arnauld e Lancelot. No século XIX, a autora destaca Henri Weill, que tenta estabelecer uma tipologia das línguas com base na relação entre sintaxe e ordem das idéias. Sob influência de Weill, finalmente chega-se, no século XX, à escola de Praga, a quem geralmente se atribui a paternidade da oposição tema/rema. A partir daí, Firbas, nos anos sessenta, desenvolve a idéia de dinamismo comunicativo, e, enfim, várias outras teorias funcionalistas se dedicam à questão do tema: Halliday (1967), Kuno (1972), Givón (1984, 1989, 1990), Bates e Macwhinney (1982).

Na segunda parte, Mondada analisa um conjunto de trabalhos que agrupando-os em duas abordagens gerais, ambas, sobretudo a primeira, no âmbito dos estudos sobre a articulação tema/rema. Primeiramente, uma **abordagem conceitual**, que identifica os “aspectos semântico-pragmáticos do tema e do rema a partir de suas definições em termos de informação velha ou nova, de conhecimento partilhado ou de saliência etc.” (p.31). Essa abordagem inclui: os trabalhos de Clark e Haviland (1977), sobre conhecimento partilhado, e de Prince (1981), sobre o estatuto da informação; as perspectivas, voltadas para o estatuto psicológico e cognitivo das entidades, de Chafe (1980), que trata do tópico em termos de *saliência*, de elemento ativado e presente na consciência imediata do ouvinte, e de Li e Thompson (1976), que tratam o tópico em termos de *centro da atenção*; os trabalhos de Talmy (1988) e Langacker (1987), que remetem à oposição figura/fundo relacionada à estruturação das *cenas* em lingüística cognitiva; e a perspectiva de Reinhart (1982), centrada na noção de *aboutness*.

A segunda é uma **abordagem formal**, que “visa a uma análise morfossintática do tema e da focalização, a partir dos problemas apresentados por suas marcas gramaticais” (p.31). Essa abordagem inclui também o trabalho tipológico de Li e Thompson (1976), no que se refere às categorias (sujeito e tópico) em relação às quais procede descrever marcas lingüísticas formais; também a esse respeito são incluídos os trabalhos de Galambos (1980), sobre o francês falado coloquial, de Sornicola (1981), sobre a macro-sintaxe do italiano falado, e o trabalho de Lambrecht (1981), sobre *deslocamentos*. Ainda no âmbito dessa abordagem, Mondada analisa o princípio de Givón (1989) da codificação icônica dos tópicos, as restrições sobre a marcação do tópico analisadas por Halliday (1967) e as combinações sintagmáticas possíveis entre marcas de tópico analisadas por Berthoud e Mondada (1992).

A autora discute detalhadamente e problematiza ambas as abordagens. Dentre os pontos mais relevantes, está o fato de ela mostrar, de forma sólida, como a noção de tópico discursivo remete ao estudo da articulação tema/rema. Também salienta que as contribuições das duas abordagens, essencialmente situadas no nível da frase ou do enunciado, convidam a colocar no nível do discurso as questões relacionadas ao tema/rema.

Na terceira parte da discussão, Mondada analisa trabalhos que já introduzem um tratamento mais discursivo do tópico. Ela observa que os trabalhos que tomam a frase, eventualmente o enunciado, como dimensão suficiente e pertinente de análise atêm-se ao estatuto informacional da frase, ignorando “como esse estatuto foi obtido e que conseqüências e transformações ele pode provocar sobre o que segue” (p.45). A autora sustenta que a passagem da frase ao discurso implica uma concepção outra dos fenômenos analisados. Ela agrupa os trabalhos de orientação

mais discursiva também em dois tipos de abordagens, que representam dois elementos necessariamente constituintes de uma concepção de fato discursiva dos fenômenos lingüísticos.

A primeira abordagem capta o **caráter dinâmico** do tópico, os processos pelos quais “os sintagmas tornam-se tópicos, desenvolvem-se como tais, transformam-se e mesmo são abandonados” (p.45). A autora remete a trabalhos que abordaram o tópico em termos de sua ativação e desativação, sensíveis, em geral, a sua dimensão sintática e cognitiva: Chafe (1979, 1987, 1989) propõe um modelo dinâmico do modo como entidades são ativadas e desativadas no discurso, o qual relaciona os fluxos discursivo e cognitivo e reformula a problemática informacional pelo conceito de *consciousness*; Givón (1990) propõe uma descrição das marcas do tópico em termos de ativação da atenção e de acessibilidade; e Dik (1989) classifica o tópico conforme as modificações de seu estatuto pragmático-informacional no decorrer do texto. Mondada mostra como a perspectiva sintático-cognitiva é objeto de questionamentos na Análise da Conversação, para a qual os processos cognitivos devem ser considerados paralelamente a processos interativos, e na Análise do Planejamento Discursivo, para a qual os fenômenos de ruptura e descontinuidade tópicos constituem aspectos relevantes na análise da dinâmica discursiva. E a autora apresenta ainda uma perspectiva enunciativa da articulação tópica, analisando os trabalhos de Laparra (1982), que define o tópico não como aquilo de que se fala, mas como aquilo de que o “eu” fala, e de Marandin (1988), que aborda a articulação de um *tema linear* e um *tema sintético* e introduz a noção de *cadeia-objeto*.

A segunda abordagem se volta para a **configuração textual global**, que envolve questões de organização do discurso tomado como uma totalidade. Nessa abordagem, Mondada analisa o trabalho de van Dijk e Kintsch (1983), que distinguem três níveis de topicalidade (o tópico frástico, o seqüencial e o discursivo) e desenvolvem os conceitos de macroestrutura e superestrutura, relacionados à estruturação do tópico bem como à organização do saber mobilizado em um texto (estruturado como *frames* ou *cenários*). Analisa ainda outros autores que trataram da relação entre tópico e esquemas cognitivos: Marandin (1988), van Oosten (1984) e Givón (1992), trabalhando com tópico discursivo especificamente, Beaugrande e Dressler (1984), em *Lingüística Textual*, e Schank (1977), em *Ciências Cognitivas e Inteligência Artificial*. E, a partir de Fillmore (1976a, 1976b, 1977, 1982, 1985) e Suchman (1987), expõe questionamentos sobre a definição dos termos utilizados e sobre o estatuto conferido aos esquemas.

A discussão dessas duas abordagens vai esclarecendo o modo como a noção de tópico discursivo será colocada pela autora e, na verdade, o que constitui uma análise discursiva dos fenômenos lingüísticos – bem como o próprio conceito de discurso. Uma perspectiva discursiva implica tanto uma análise sintático-cognitiva, conversacional e enunciativa, que capta a dinâmica da articulação tópica seqüencial, quanto uma análise configuracional global do texto. Tal concepção é refletida na própria forma pela qual a autora organiza sua exposição: apresenta uma seção intitulada *Em direção a uma abordagem discursiva do tópico* (3.) e a divide nas subseções *Dinâmicas tópicas* (3.1.) e *Tópico discursivo e configuração textual* (3.2.). Mondada salienta que algumas abordagens do tópico “permitiram descrever sua forma configuracional global, mas omitiram a articulação desta com a descrição de sua forma seqüencial” (p.50), sendo o desafio, pois, mostrar a relação entre as duas. Para ela, alguns trabalhos privilegiaram a

estruturação global do texto sob o risco de anular o aspecto dinâmico da constituição do tópico discursivo, que não separa, mas integra os modos de linearização e construção progressiva do

tópico discursivo e os modos de organização global – o tópico discursivo sendo não um produto acabado, mas uma configuração momentânea e pontual, sujeita a transformações contínuas (p.52, tradução nossa).

O conceito de discurso não é, portanto, restrito à idéia de modelo de interação ou de macro-sintaxe, como às vezes se observa, mas remete ao resultado da integração de ambas. Trata-se de uma concepção compartilhada por autores brasileiros que vêm desenvolvendo trabalhos com orientação sociocognitivista (Koch, Morato e Bentes, 2005) e textual-interativa (Koch e Marcuschi, 2002; Jubran *et al.*, 2002).

Na quarta parte da discussão, Mondada explica a utilização das noções de *objeto* e *classe-objeto* em Lógica Natural, estudo que visa à descrição das operações de pensamento que são expressas através das atividades discursivas e que permitem construir e reconstruir uma *esquematisação*. Ela comenta os trabalhos de Grize (1983, 1990), destacando as operações lógicas pelas quais são produzidos e especificados objetos e classes-objetos. E também problematiza o fato de que, embora seja possível identificar construções sintáticas correspondentes às operações lógicas, essa correspondência não é sistemática. Trata-se, pois, de observações que enriquecem a discussão empreendida no capítulo na medida em que retomam a essência da noção de *objeto*. Poder-se-ia objetar apenas que a discussão parece um pouco menos acessível em relação às demais partes do capítulo, sobretudo para leitores não inicializados no estudo da Lógica Natural, requerendo, talvez, maior explicitação de certos conceitos, o que, porém, fica longe de comprometer a pertinência da discussão e sua contribuição para o capítulo.

A quinta parte da discussão apresenta, enfim, as conclusões, em que a noção de tópico discursivo é elaborada em termos de objeto-de-discurso. Esse procedimento, para Mondada, corrobora a possibilidade de uma abordagem do processamento do discurso que esteja atenta às operações enunciativas e que integre as preocupações dos defensores de uma micro-lingüística, dedicada a descrever o encadeamento entre enunciados em nível frástico, e dos defensores de uma macro-lingüística, dedicada a descrever estruturas globais. A autora, então, define objeto-de-discurso como um objeto constitutivamente lingüístico. Segundo ela, é no discurso que são colocados, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos-de-discurso, que não lhe são preexistentes e não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram na dinâmica discursiva; ou seja, o objeto-de-discurso não consiste na verbalização de um objeto autônomo e externo ao discurso, não é um referente apenas codificado lingüisticamente, mas construído lingüisticamente.

A autora finaliza as conclusões comentando aspectos centrais do tratamento do tópico discursivo sob tal perspectiva: o caráter enunciativo do tópico; as restrições específicas no momento de sua introdução; sua constituição como segundo plano, quando não-marcado, e como primeiro plano do discurso, quando marcado; a não pressuposição de uma contraparte como em oposições do tipo tema/rema, tópico/comentário; e o papel do encadeamento tópico na própria estruturação do discurso.

O alcance da noção de tópico discursivo trabalhada nesses moldes pode ser observado na medida em que reúne, de forma integrada e redefinida, princípios elementares das três fases da Lingüística Textual identificadas em Koch (2004): as *Análises interfrásticas e gramáticas de texto*, *A virada pragmática* e *A virada cognitivista*. Essa noção, bem como a concepção de discurso subjacente, insere-se no âmbito de uma abordagem sociocognitivista, segundo a qual, o processamento cognitivo ocorre inserido num contexto sócio-cultural, de modo que “muito da cognição acontece fora das mentes e não somente dentro delas”, ou seja, “a cognição é um

fenômeno *situado*” (Koch, 2004, p.31). Ao assumir tal posição, a Lingüística se desenvolve no mesmo sentido de outras ciências (como a Neurobiologia, a Antropologia), alargando a possibilidade de interface com outras áreas e ampliando as condições de inserção em abordagens transdisciplinares.

Como se pode observar, o presente texto procurou mostrar um quadro geral de quais questões são tratadas no capítulo e apresentar comentários sobre alguns dos seus vários aspectos importantes. O objetivo aqui é colocar o leitor a par da relevância da obra, incentivando-o a dedicar-se ao estudo dela própria. Trata-se de leitura introdutória e elementar não só, obviamente, para o próprio livro em que se insere, que vai tratar, dentre outras coisas, de processos de (re)categorização de referentes, mas também para qualquer estudo do discurso, em especial para o conjunto de trabalhos na lingüística brasileira que tem se dedicado à análise do fenômeno da referenciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* (2002). Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do Português Falado* – v.II: Níveis de Análise. 4ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, p.341-428.
- KOCH, I. G. V. (2004). *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). (2005). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. (2002). Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado* – v.VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, p.31-56.